

Entrevista Primaz – 13-05-2021

<https://www.agenciaprimaz.com.br/2021/05/13/entrevista-primaz-melissa-de-araujo-seguranc-a-alimentar-e-nutricional-em-tempos-de-pandemia/>

Entrevista Primaz: Melissa de Araújo – Segurança alimentar e nutricional em tempos de pandemia

- Luiz Loureiro
- 13/05/2021
- 15:30



Na Entrevista Primaz desta semana, conversamos com Melissa Luciana de Araújo, nutricionista, pesquisadora dos grupos AUÊ e GEPPAAS, doutoranda na UFMG e coordenadora do CONSEA-MG, sobre segurança alimentar e nutricional, direito humano à alimentação e impactos da pandemia nos hábitos alimentares dos brasileiros.

Dentre os vários assuntos abordados, nossa entrevistada ressaltou sua preocupação com o agravamento da situação de insegurança alimentar de nossa população devido à pandemia da Covid-19, já em processo de deterioração em relação a 2013, como revelado pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2017/2018.

<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=36267>

Café com Agroecologia discute reflexos da pandemia no direito humano à alimentação adequada

29/11/2021

Os Reflexos da pandemia no direito humano à alimentação adequada serão discutidos, nesta terça-feira (30), durante o 79º Café com Agroecologia. O evento, do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia da UFV, será transmitido a partir das 18h30, pelo [Instagram](#). Todos poderão acompanhar; não é necessário realizar inscrição.

A facilitadora será Melissa Luciana de Araújo, doutoranda em Saúde e Nutrição na Universidade Federal de Ouro Preto e coordenadora da Comissão Permanente do Direito Humano à Alimentação Adequada do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais. A mediação será realizada por Camila Olídia, mestranda em Agroecologia na UFV.

Mais informações sobre o projeto de extensão podem ser obtidas no site www.cafecomagroecologia.ufv.br.

79º CAFÉ COM AGROECOLOGIA
prepare seu cafezinho e vem conversar com a gente!

Reflexos da Pandemia no Direito Humano à Alimentação Adequada

30/11 às 18h30.
Terça-feira no Instagram
@cafecomagroecologia

Facilitadora
Melissa Luciana de Araújo
Doutoranda em Saúde e Nutrição/UFOP
Mestra em Saúde e Enfermagem/UFMG
Conselheira do CONSEA/MG
Nutricionista/Newton Paiva

Mediadora
Camila Olídia
Cientista Social/UFV
Mestranda em Agroecologia/UFV

Organização:
Pós-Graduação Stricto Sensu em Agroecologia

Apoio: UFV Universidade Federal de Viçosa

DAA DEPARTAMENTO DE AGRONOMIA CENTRO DE CIÊNCIAS AGROPECUÁRIAS - CCA
DNS Departamento de Nutrição e Saúde CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCS

<https://crn9.org.br/noticias/rodas-de-conversa-as-nossas-acoes-sao-o-nosso-futuro/>

Confira como foram as Rodas de Conversa: As nossas ações são o nosso futuro! – 16/10/2021



Para comemorar o Dia Mundial da Alimentação deste ano, o CRN-9 se realizou no sábado, 16, um evento diferente. Conversamos com especialistas sobre temas como sustentabilidade do planeta e alterações climáticas, agroecologia, agricultura familiar, sistemas alimentares coexistentes, segurança alimentar e nutricional, dentre outros que compõem nosso tema foco: As nossas ações são o nosso futuro!

As duas rodas de conversas foram realizadas **ao vivo, direto da Sede do CRN-9**. Tudo feito com muito carinho e adequação às normas sanitárias de prevenção à Covid-19.

Perdeu? Não faz mal! Assista a seguir!

Aproveite e curta, dê seu like e compartilhe!

Temas abordados:

Agroecologia: construindo o presente e um futuro sustentável e saudável

A importância da Agricultura Familiar para a alimentação e a Nutrição

Convidados(as):

- Melissa Luciana de Araújo

Nutricionista, Doutoranda em Saúde e Nutrição pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Especialista em Educação Alimentar. Atualmente, é conselheira pela sociedade civil e coordenadora da Comissão Permanente de Direito Humano à Alimentação Adequada do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais (Consea/MG)

- Élido Bonomo

Possui graduação em Nutrição e especialização em Nutrição e Dietética pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestrado em Saúde Pública área de Epidemiologia (2002) e doutorado em Ciências da Saúde na área da Saúde da Criança e do Adolescente (2010) pela Universidade Federal de Minas Gerais. É servidor público da UFOP. Tem experiência em Ensino, Pesquisa e Extensão, com ênfase em Nutrição Social e Saúde Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: Saúde e Nutrição de Pré-escolares e escolares, consumo alimentar, inquérito nutricional populacional, estado nutricional, Carências Nutricionais, epidemiologia nutricional, Segurança Alimentar e Nutricional, Agricultura Familiar e políticas públicas e controle social. Coordenou em Minas Gerais as “Chamadas Nutricionais” de crianças menores de cinco anos de idade do semiárido brasileiro, de assentamentos rurais e de comunidades Quilombolas, em colaboração com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Foi consultor da Pesquisa coordenada pelo MDS, que comparou o estado nutricional, a insegurança alimentar e o consumo alimentar de crianças de famílias do semiárido mineiro, inclusas ou não no Programa Leite Pela Vida. Foi presidente do Conselho Estadual de Alimentação Escolar de Minas Gerais e membro do Conselho Estadual e Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. É membro do Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional e coordena o Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar da Escola de Nutrição da UFOP, uma parceria com o FNDE/MEC. Presidiu o CRN9/MG. Preside o Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) e o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de Minas Gerais (CONSEA/MG)

- Regina Oliveira

Diretora do CRN-9, Extensionista de bem estar social da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater), conselheira do Consea/MG e membro da Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável; Bacharel em Nutrição e Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atua na área de segurança alimentar e nutricional, principalmente nos seguintes temas: alimentação, nutrição e saúde, políticas públicas e sistemas agroalimentares. Possui grande vivência em conselhos de controle social, em nível municipal, estadual e nacional. Foi conselheira do Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) onde coordenou a Comissão de Comunicação. Integra os movimentos pela produção de alimentos de forma sustentável desde 1986.

- Dakini Lima

Membro da equipe técnica da associação “Amanu – Educação, Ecologia e Solidariedade”, de Jaboticatubas, produtora agroecológica e feirante na “Raízes do Campo”, feira criada pela Amanu e pelos produtores agroecológicos das comunidades rurais do município.

Apresentação: Mariana Starling – Jornalista e Apresentadora de TV

Se você não conseguiu acompanhar ontem as rodas de conversa As nossas ações são o nosso futuro, realizadas pelo CRN-9, é só clicar em <https://youtu.be/LSq-qUtVWWA>

Foram debates muito proveitosos com especialistas sobre temas como sustentabilidade do planeta e alterações climáticas, agroecologia, agricultura familiar, sistemas alimentares coexistentes, segurança alimentar e nutricional, dentre outros.

Veja, curta, dê seu like e compartilhe! 😊

<https://www.ufrgs.br/sextante/de-que-forma-a-desigualdade-se-reflete-na-mesa-dos-brasileiros/>

Novembro de 2021

NUNCA VI, NEM COMI, EU SÓ OUÇO FALAR

Depois de conseguir sair do Mapa da Fome da ONU, o Brasil parece ter embarcado em um retrocesso sem fim, que faz com que a insegurança alimentar volte a bater recordes mesmo em um país que produz tantos alimentos

REPORTAGEM

Giovanna Parise
giparise.jornal@gmail.com



Arte: Gabriela Borges

NOV, 2021

- [bastidores](#)

[WhatsApp](#)[Facebook](#)[Twitter](#)

ILUSTRAÇÕES

Gabriela Barbosa Borges
M. F. Martins

Foi-se o tempo em que apenas caviar era “comida de rico”, como canta Zeca Pagodinho. Já antes da covid-19, estava cada vez mais difícil para o brasileiro colocar o básico na mesa. Com a pandemia, a situação é ainda mais preocupante. De acordo com o estudo **Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil**, de 2020, 59,4% da população brasileira encontra-se em situação de insegurança alimentar, sendo que 15% passa fome.

Os dados têm gênero, cor e endereço historicamente conhecidos. É a desigualdade brasileira refletida nas mesas: mulheres chefes de família, negras, do Norte e Nordeste e de regiões rurais têm maior risco de insegurança alimentar, assim como indígenas, quilombolas e a população LGBTQIA+.

O problema vai além de não ter o que comer. No sexto país mais desigual do mundo, 117 milhões de pessoas não têm acesso regular e

suficiente a alimentos de qualidade sem comprometer outras necessidades essenciais – e o desespero aumenta com o **fim do auxílio emergencial** de R\$150 a R\$600 oferecido ao longo da pandemia e as incertezas do **Auxílio Brasil**, programa do Governo Federal que substituiu o Bolsa Família. Os impactos são sentidos no popular “prato feito” – não estamos falando de caviar. Segundo o estudo, 44% das pessoas reduziram o consumo de carnes e 41%, o de frutas. Montar um prato colorido, como aconselham os nutricionistas, é desafiador.

Quais são os diferentes tipos de **insegurança alimentar**?



Insegurança alimentar leve - há preocupação ou incerteza em relação ao acesso a alimentos no futuro, ou a qualidade dos alimentos é comprometida para manter a quantidade necessária para a família;

Insegurança alimentar moderada - há redução quantitativa de alimentos entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação, resultante da falta de alimentos entre os adultos;

Insegurança alimentar grave - redução quantitativa de alimentos também entre as crianças, ou seja, ruptura nos padrões de alimentação, resultante da falta de alimentos entre todos os moradores, incluindo as crianças. Há fome.

Fonte: IBGE

Para Milene Cristine Pessoa, professora do Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e líder do Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Ambiente Alimentar e Saúde da universidade, uma alimentação de qualidade deve priorizar a

diversidade e ter como base alimentos frescos, como cereais, leguminosas, frutas, e verduras, laticínios e carnes. Melissa Luciana de Araújo, doutoranda em Saúde e Nutrição pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), pesquisadora do mesmo grupo e coordenadora da comissão permanente do Direito Humano à Alimentação Adequada do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais, concorda e acrescenta que tais alimentos devem ser isentos de agrotóxicos e advindos de uma produção sustentável para o meio ambiente.

Entretanto, o acesso a eles é escasso por diversos fatores. Primeiro, pelo crescimento da pobreza e da inflação no país, intensificados pela pandemia – que provavelmente produzirá dados ainda mais alarmantes em 2021. Outro fator é a popularização dos produtos ultraprocessados, mais acessíveis, mas pouco nutritivos. Além disso, há um grande aumento na liberação de uso de diversos agrotóxicos no Brasil.

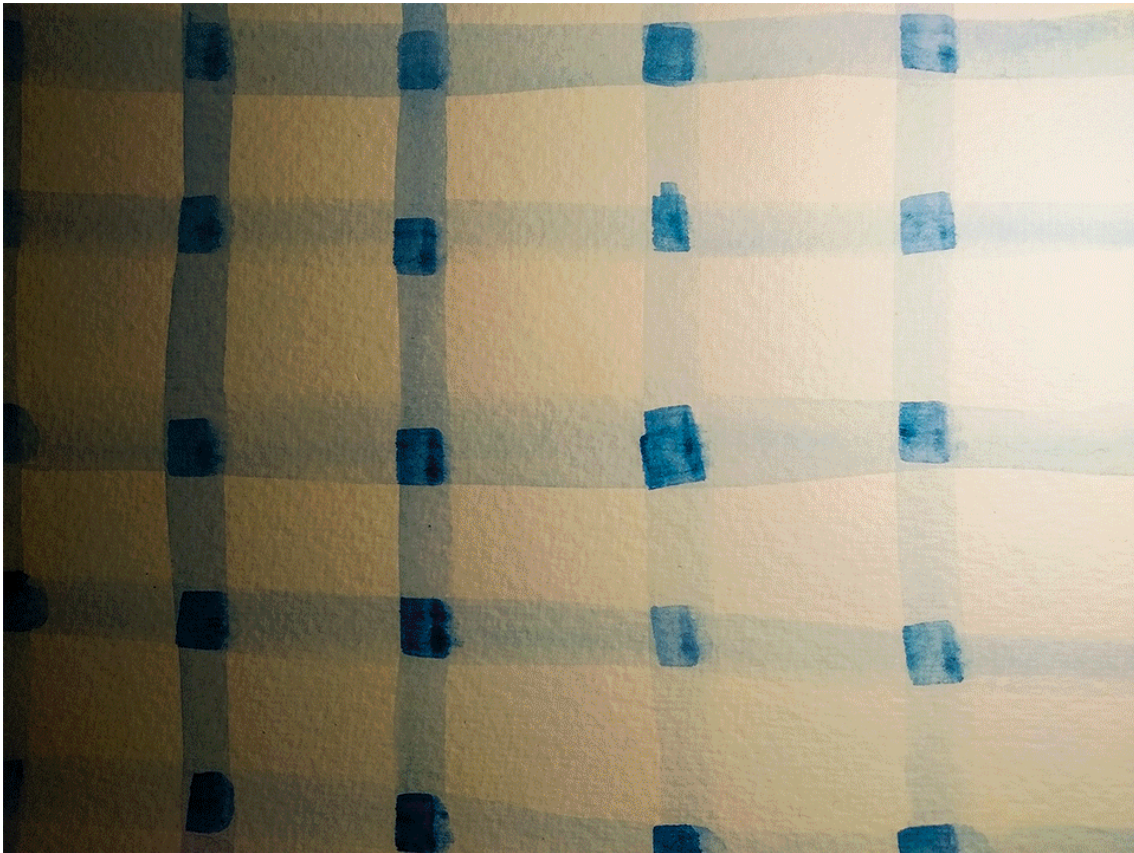
As pesquisadoras lembram ainda que o **Guia Alimentar para a População Brasileira, de 2014**, publicado pelo Ministério da Saúde, considera a alimentação para além dos nutrientes. É o caso das culturas alimentares diversas, que preservam os saberes dos indígenas, dos quilombolas, das populações ribeirinhas, urbanas, entre outras. Esses valores são tão essenciais quanto os nutricionais presentes na alimentação. Mas o que é direito social vira luxo em uma realidade tão desigual.

VOCÊ DEVE LUTAR PELA XEPA DA FEIRA E DIZER QUE ESTÁ RECOMPENSADO

Comportamento Geral – Gonzaguinha

Apesar da atual realidade assustadora, o cenário já foi diferente. Em 2003, foi implementada uma série de políticas econômicas, sociais, de segurança alimentar e para a agricultura familiar, que ficou conhecida como estratégia Fome Zero. Dez anos depois, o país atingia os menores patamares de insegurança alimentar de sua história – 22,6%,

de acordo com dados da **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)** de 2013.



Arte: M. F. Martins

Em 2014, o Brasil deixou de fazer parte do **Mapa da Fome**, uma lista da **Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)**. “O Mapa era lançado todos os anos para acompanhar um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU: diminuir pela metade o número de pessoas com fome no planeta até 2015”, explica Daniel Balaban, representante no Brasil do Programa Mundial de Alimentos (WFP) e diretor do Centro de Excelência contra a Fome.

Com as crises econômica e política, já houve alguns retrocessos ainda em 2017, como aponta a **Pesquisa de Orçamentos Familiares**. Segundo Marco Antonio Teixeira, sociólogo, pesquisador com pós-doutorado na Universidade Livre de Berlim e coordenador científico do grupo de pesquisa Alimento para Justiça, a descontinuidade de uma política de valorização real do salário

mínimo, bem como o desemprego, contribuíram para isso. Ele também destaca os prejuízos oriundos da aprovação do teto constitucional dos gastos públicos, em 2016; do dismantelamento de políticas de apoio à agricultura familiar e camponesa, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae); e da extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), em 2019.

“Em resumo, o que se pode observar é um projeto político deliberado que, ao destruir ou enfraquecer políticas públicas que garantem a segurança alimentar, viola o direito humano à alimentação adequada”, completa.

Sem levar em conta essas pesquisas sobre a situação interna do país, em seu **discurso na Assembleia Geral da ONU no final de 2020**, o presidente Jair Bolsonaro disse, sem apontar nenhuma referência, que o Brasil garantiu, em meio à pandemia, a segurança alimentar de um sexto da população mundial.

LEIA MAIS

- **[Alimentando Utopias](#)**: um futuro com alimentação saudável, acessível e sustentável é possível?
- **[A agricultura urbana como solução](#)**: como ela pode ajudar no contexto da pandemia?
- **[Da terra ao prato](#)**: as feiras de hortifrutigranjeiros em Porto Alegre

De fato, o Brasil é um dos líderes mundiais em agronegócio e o terceiro maior exportador de alimentos do mundo, segundo a FAO. Logo, produzimos e exportamos muito. Resumindo, a comida não fica aqui. “Hoje, vale mais a pena para o grande produtor exportar, porque eles ganham em dólar e o real está defasado”, explica Daniel. Além disso, tamanha desvalorização do real faz com que os grandes produtores, ao

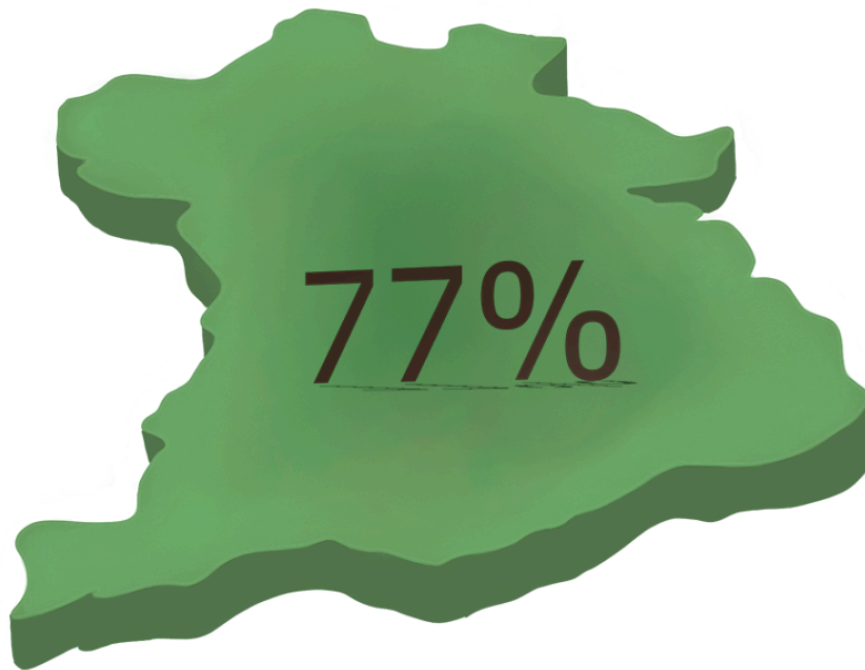
venderem no mercado interno, queiram aumentar o valor para compensar a diferença em relação ao mercado externo. “É a dolarização da economia brasileira”, completa.

Daniel acrescenta que boa parte das *commodities* (produtos de origem primária, como petróleo, carvão mineral, soja, cana-de-açúcar e outros) produzidas pelo agronegócio são para consumo animal no exterior. “Para produzir esses alimentos, é preciso muita água e outros recursos naturais. Os países que compram do Brasil, na verdade, compram esses recursos. Utilizam os nossos recursos, enchem os bolsos apenas dos produtores, e a população não está feliz. O modelo está errado”, defende.

“A fome é o efeito perverso de uma política econômica perversa”

DANIEL BALABAN, representante no WFP e diretor do Centro de Excelência contra a Fome

O pesquisador Marco Antonio acrescenta que os recursos são finitos e devem ser distribuídos democraticamente – o que não ocorre. O agronegócio ocupa a maior extensão de terras destinadas à atividade agropecuária (77%) de acordo com o **Censo Agropecuário de 2017**. Já a agricultura familiar, que ocupa uma parcela bem menor de terras, representa 77% dos estabelecimentos agrícolas e é responsável pela oferta de boa parte do que consumimos internamente.



O número da desigualdade: 77% do território brasileiro é ocupado pelo agronegócio, mas 77% dos alimentos consumidos no Brasil vêm da agricultura familiar, de acordo com dados do **Censo Agropecuário de 2017** | Arte: Gabriela Barbosa Borges

“O Brasil produz alimento suficiente para alimentar o nosso país e muitos outros. O grande problema, hoje, é a questão econômica: as pessoas não têm dinheiro para comprar uma alimentação de qualidade. Isso é fruto da crise econômica. A fome é o efeito perverso de uma política econômica perversa”, explica Daniel.

TEM GENTE COM FOME

Tem Gente com Fome – Ney Matogrosso

Marisa Mittmann da Silva, 63 anos, moradora de Canoas, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, não vai ao mercado, mas ouviu falar sobre o aumento do preço dos alimentos. Ela trabalha há 10 anos coletando lixo reciclável e se alimenta exclusivamente de doações vindas de igrejas do bairro em que trabalha e de vizinhos.



Marisa

recebe refeições, frutas, legumes, ranchos, roupas e outras doações, já que o dinheiro que arrecada em seu trabalho não é suficiente para mantê-la | Foto: Giovanna Parise

A fome é uma velha conhecida de Marisa. Seu pai era caminhoneiro e ficava muito tempo longe de casa. Durante as viagens, sua mãe, que

não podia trabalhar devido a um problema cardíaco, ficava responsável por ela e seus seis irmãos. “Tu não tem merenda?, me perguntavam. Eu respondia que não e ia tomar uma aguinha para passar a fome. A mãe sempre dizia que a gente tinha que tomar água para passar a fome. Eu gravei e dizia isso para as minhas colegas”, conta.

Quando começou a estudar, ainda não havia o oferecimento de marmitas pelas escolas públicas no Brasil. Ao longo dos anos, ela relata que algumas medidas começaram a ser postas em prática: “Aí eles começaram a dar aquele ‘triguinho’ com leite. Eu comia – tenho até vergonha –, quatro xícaras cheias, porque eu não tomava café da manhã, não tinha. Meio-dia, eu ia pro colégio, não comia, não tinha. Eu ia varada de fome, imagina, uma criança”.

Por vezes, seu pai adoecia, devido a diabetes. Esses eram momentos de muita fome, já que boa parte das refeições da família vinham das viagens a trabalho. Marisa e sua mãe preparavam chás e cuidavam do pai na medida do possível, já que também dependiam do sistema público de saúde ainda muito precário na época, como lembra: “Tu consultava, recebia alguns remedinhos e te mandavam pra casa. Tu tinha que te curar em casa.”

“A mãe sempre dizia que a gente tinha que tomar água para passar a fome”

MARISA TEREZINHA MITTMANN DA SILVA, recicladora

Ainda na terceira série do Ensino Fundamental, ela precisou largar os estudos para cuidar dos irmãos. Começou a trabalhar cedo também, para ajudar a colocar comida na mesa da família. Hoje, quando recebe, além de alimentos, outros itens que já tem, Marisa doa. “Quando eu doo e a pessoa pega, e eu vejo a pessoa com aquilo, meu coração parece que floresce”, conta. Na falta de assistência e oportunidades do Estado, Marisa sabe a importância de uma doação.

Gente – Caetano Veloso

Se a desigualdade alimentar é um problema político-econômico, só há uma forma de solucioná-lo: com políticas públicas. Marco Antonio exemplifica algumas: a retomada de um auxílio emergencial robusto, o fortalecimento de políticas de segurança alimentar, a geração de emprego e a valorização do salário mínimo acima da inflação.

Já realizadas no Brasil, tais medidas não são colocadas em prática novamente, devido à atual matriz econômica. Enquanto **o gás de cozinha custa 10% do salário mínimo**, o mercado financeiro brasileiro cresce. De acordo com a B3, bolsa de valores oficial do Brasil, **o número de investidores na bolsa teve um aumento de 43% em 2021**. “O sistema econômico é perverso para as pessoas com pouca renda e benéfico para as que têm bastante. Quanto mais dinheiro você tiver no banco, mais ele rende. O Brasil virou uma espécie de cassino”, diz Daniel.

Sendo assim, vale mais a pena investir no mercado financeiro do que abrir um negócio que geraria empregos, movimentaria a economia do país, ajudaria os pequenos empreendedores e a sociedade em geral. “Quanto mais financeirização, menos oportunidades para as pessoas, e a medida de combate à fome mais eficiente não é dar comida, é dar oportunidade”, defende.

Para Daniel, é preciso haver uma mudança de mentalidade: “Em outros países, a população se conscientizou da importância de apoiar as classes média e baixa. Mas, para que tenhamos governos interessados em apoiá-las, precisamos de uma sociedade interessada em acabar com a fome e a pobreza.”

Tal conscientização passa pelo entendimento de que não é possível viver em paz em uma sociedade desigual e faminta. “Onde tem fome, tem conflito. Quer acabar com a violência? Acaba com a fome. E acabar

com a fome é fazer com que o papel do Estado seja cumprido”, defende Daniel.

E VAMOS BOTAR ÁGUA NO FEIJÃO

Feijoada Completa – Chico Buarque

Enquanto as oportunidades não chegam e as barrigas seguem roncando, quem pouco tem é quem mais ajuda. Iniciativas populares têm salvado muitas pessoas. São cidadãos que, literalmente, botam mais água no feijão para levar o que, muitas vezes, é a única refeição do dia para muitos.

A ONG Juntos Somos Mais Fortes, de Porto Alegre, é um exemplo disso. Criada por Paulo Cezar Félix Barbosa, de 44 anos, em março de 2020, ela atua em 28 comunidades da capital gaúcha. Os voluntários entregam marmitas, lanches, cestas básicas e agasalhos para moradores e pessoas em situação de rua.



Paulo Cezar, conhecido como Fubá, presidente da ONG Juntos Somos Mais Fortes, é responsável pelo atendimento das 28 comunidades cadastradas | Foto: Arquivo pessoal

“Tem lugares em que a gente chega e as pessoas estão de dois a três dias sem comer, só contando com o dia em que vamos levar o alimento para elas”

PAULO CEZAR BARBOSA, presidente da ONG Juntos Somos Mais Fortes

“A gente percebe que, em cada ação, aumenta o número de pessoas passando necessidades. A fome só aumenta. Tem lugares em que a gente chega e as pessoas

estão de dois a três dias sem comer, só contando com o dia em que vamos levar o alimento para elas”, conta Paulo César, também conhecido como Fubá.

A ONG Juntos Somos Mais Fortes não conta com apoio governamental, e as doações vêm, principalmente, de quem também não tem condições abundantes: “A parte da sociedade que tem como ajudar não ajuda. É o pobre ajudando o pobre. Infelizmente, é isso.” Devido às condições financeiras, a ONG ainda não possui regulamentação.

Eles realizam 10 ações por mês. Todas as quartas-feiras, os integrantes distribuem cachorros-quentes para crianças em vulnerabilidade social. Às sextas, há entrega de marmitas para pessoas em situação de rua e famílias que necessitam. As refeições são compostas por arroz, feijão, polenta, massa e frango. Além disso, duas vezes no mês, são distribuídas cestas básicas. Em um ano e sete meses, a organização já entregou 36 mil marmitas e 25 mil lanches. Para ajudar, basta acompanhar e contribuir com os pedidos de doações pela [página do Facebook](#) da organização.

A solidariedade da água a mais no feijão, presente principalmente no “Brasil” que passa por mais dificuldades, não pode ser, entretanto, o caminho de combate à desigualdade alimentar. A lógica atual, que faz com que a xepa da feira seja vista como recompensa e que ofusca o brilho de tanta gente com fome, precisa ser questionada. Em um país tão rico em biodiversidade e capaz de produzir tantos alimentos, chega a ser vergonhoso perceber que mais da metade dos brasileiros nunca vê nem come o básico. Caviar? Sequer ouvimos falar.

Caviar – Zeca Pagodinho

11 NOV, 2021

2 AGOSTO

[HTTPS://WWW.OTEMPO.COM.BR/CIDADES/EXTREMA-POBREZA-TEM-ALTA-DE-QUASE-10-EM-MINAS-GERAIS-NESTE-ANO-1.2519872](https://www.otempo.com.br/cidades/extrema-pobreza-tem-alta-de-quase-10-em-minas-gerais-neste-ano-1.2519872)

TÍTULO: Extrema pobreza tem alta de quase 10% em Minas Gerais neste ano

[HTTPS://WWW.REGIAONOROESTE.COM/MATERIAS/1038944/CRESCE_O_NUMERO_DE_PESSOAS_VIVENDO_NA_EXTREMA_POBREZA_NA_REGIAO/](https://www.regiaonordeste.com/materias/1038944/cresce_o_numero_de_pessoas_vivendo_na_extrema_pobreza_na_regiao/)

Cresce o número de pessoas vivendo na extrema pobreza na região

08/11/2021 as 07:00 | Região | Diário da Região

<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2021/10/23/inseguranca-alimentar-entenda-o-que-e-e-qual-a-situacao-do-brasil.html> - Fortaleza

Programa de televisão

<https://globoplay.globo.com/v/9517899/programa/>

<https://www.youtube.com/watch?v=Pj-LlwEtNrl> – Alimentos processados – Entrevista com Larissa

<https://www.youtube.com/watch?v=IGfZSzJe1nQ>

Jornal:

<https://brasilcampinas.com.br/pesquisa-indica-que-60-dos-domicilios-brasileiros-enfrentam-inseguranca-alimentar.html>

https://ufmg.br/comunicacao/noticias/como-a-pandemia-impactou-as-classes-economicas-brasileiras?fbclid=IwAR2Ep4jU4MLcBges5D9eCH4qANDygoxlkvGPsGPVEKSm8xsnaL_1gbdPOs!